

## A DISSIMULAÇÃO NA PERSONAGEM REI CLAUDIUS COMO ESTRATÉGIA DE ORDENAÇÃO DE PODER EM *HAMLET*, DE WILLIAM SHAKESPEARE

Adelson Oliveira (UNEB)  
[adelsonoliveiramendes@gmail.com](mailto:adelsonoliveiramendes@gmail.com)  
Thiago Martins Prado (UNEB)  
[minotico@yahoo.com.br](mailto:minotico@yahoo.com.br)

### RESUMO

O artigo comenta os comportamentos e estratégias políticas da personagem rei Claudius na peça *Hamlet*, articulando-os aos estudos foucaultianos, em *Estratégia, Poder-Saber*. Chega-se a uma compreensão aproximada da personagem somada a uma das grandes referências em táticas políticas notadas na peça: a obra *O Príncipe*, de Nicolau Maquiavel. Essas articulações apontam para a compreensão da personagem rei Claudius, dentro do teatro shakespeariano, e de como o discurso na função do rei fundamenta-se pela sedução. À evolução da personagem rei Claudius, serão propostas discussões que sugerem uma mediação entre o seu caráter de dissimulador e os métodos empregados por ele para conseguir ordenar o poder do reino. Paralelamente, tenta-se comparar a atuação do rei Claudius à representação do líder estudado em Maquiavel.

Palavras-chave  
Claudius. Política. William Shakespeare.

### 1. Introdução

A tragédia *Hamlet*, do poeta, dramaturgo e bardo inglês William Shakespeare, apresenta inúmeras faces interpretativas criando nuances muitas vezes complexas. Tal peça shakespeariana, centrada na época renascentista, apresenta os trâmites políticos internos à coroa e à sociedade dinamarquesa. No decorrer das encenações dentro da peça, surge o rei Claudius, uma personagem de destaque e que carece de certas atenções e análises críticas quanto à sua postura – tanto nos bastidores domésticos do reino quanto em suas ações em público e na diplomacia internacional – principalmente frente à mudança no estilo de reinado na Dinamarca, quer dizer, a substituição de uma imagem de rei beligerante na política externa (Rei Hamlet) pelade cortesão com inteligência diplomática (Rei Claudius).

Diante desse destaque, surge a indagação sobre o aspecto dissimulador governamental da personagem rei Claudius centrado no questiona-

mento: como a personagem rei Claudius utiliza-se do método dissimulador para governar o reino de Elsinore? Tal problema norteará o desenvolvimento deste artigo na intenção de responder a tal questionamento.

Por serem os súditos infiéis e não observarem além do que a eles são ofertados como recompensas, o rei encontrará inúmeras oportunidades de dissimular: saber-observar por diferentes ângulos enquanto rei, utilizar, em momentos oportunos, estratégias irrisórias e vãs e ofertar, mas também retirar. Portanto, reside aí a relevância do método dissimulador para a compreensão da personagem rei Claudius.

Logo no início da peça, suas decisões tornam-se evidentes (embora suas intenções não sejam declaradas claramente), por exemplo: a) observa-se uma adição na segurança do castelo de Elsinore ainda que o rei não alerte o risco de guerra aos seus soldados; b) nota-se uma festa noturna para a partilhado banquete ofertado pelo rei Claudius na tentativa de ele conquistar o apreço da corte. No meio da peça shakesperiana, mesmo quando Claudius é atingido emocionalmente pelo teatro desenvolvido pelo príncipe Hamlet e decide enviá-lo à Inglaterra, tal rei escamoteia sua intenção em eliminar o sobrinho frente ao risco que este apresentava ao seu reinado – revelar o ato de regicídio cometido pelo rei atual – por meio de uma ação institucional (cobrança de tributos).

Os trâmites políticos inerentes à função do rei Claudius são articulado sem benefício próprio e para a construção de uma estabilidade na ordenação do seu poder, utilizando a *virtù*<sup>1</sup> em favor de dominação da *fortuna*<sup>2</sup>. Nesse sentido, podem-se levar em conta os aspectos tirânicos e autocráticos adotados pela personagem como manobra de autofavorecimento a fim de aumentarsua capacidade em influenciar as relações de

---

<sup>4</sup> Na política, o homem de *virtù* é aquele capaz de imprimir mudanças no curso da história e realizar grandes obras. Portanto, o príncipe virtuoso não é o príncipe bom e justo, mas aquele cuja virtude encontra-se na atividade, ou seja, a *virtù* política consiste na força que permite tal príncipe conquistar e manter o poder (ARANHA, 1993).

<sup>5</sup> *Fortuna* é o contrapeso de *virtù*: o príncipe virtuoso não deve deixar escapar a ocasião, assim como aquele que apenas tem a ocasião, mas não é virtuoso, não passa de um oportunista que não conseguirá se manter no poder, portanto, *fortuna* configura-se como o acaso (ARANHA, 1993). Os dois termos foram ressignificados por Maquiavel em contraposição à moral convencional, quer dizer, que tudo deveria ser realizado em nome da ética religiosa cristã. Maquiavel gesta esses conceitos para retirar possíveis rótulos dos líderes, esses não precisam ser bons e justos em nome de tal ética ou princípio, não que eles sejam desprezíveis, mas que o príncipe deve procurar meios que o faça conquistar e manter-se no poder.

poder e de articular politicamente o seu entorno com uma imagem de liderança.

Considerando a viabilidade da discussão de como é arquitetada a imagem de liderança por Claudius para o reino de Elsinore, utilizam-se os seguintes teóricos na fundamentação de tal artigo: Northrop Frye (2011), Harold Bloom (2001 e 2004), William Witherle Lawrence (1919), Barbara Heliodora (2004), A. C. Bradley (2009), George Wilson Knight (1967), Michel Foucault (2009) e Nicolau Maquiavel (2011). Em *Sobre Shakespeare*, Northrop Frye apresenta a personagem rei Claudius como estrategista e habilidoso, ao pautar sua corrida contra a *fortuna*, para se aproximar do príncipe Hamlet e resolver questões burocráticas do reino e descreve ainda a existência do complexo de Édipo no príncipe como causa de sua estranheza com o rei Claudius.

Harold Bloom, em *Shakespeare: a invenção do humano* (2001) e *Hamlet: poema ilimitado* (2004), classifica a personagem rei Claudius como oponente fraco a Hamlet, afirmando o príncipe como seu próprio inimigo, e passa ao largo da inimizade do então príncipe dinamarquês ao reino (do rei Claudius) para se entender o colapso de Elsinore. William Witherle Lawrence estuda, em *The Play Scene in Hamlet*, a possibilidade da astúcia da personagem rei Claudius de descobrir a possível razão (fratricídio) na mudança de comportamento do sobrinho. Barbara Heliodora analisa, em *Reflexões Shakespearianas*, a ocupação no trono dinamarquês por uma espécie de cancro (Claudius) que corporifica o mal. George Wilson Knight avalia, em *The Wheel of Fire*, características de um hábil rei e afirma a sofisticada representação diplomática na personagem Claudius. A. C. Bradley, em *A Tragédia Shakespeariana*, destaca as qualidades inerentes à boa imagem de rei na personagem Claudius, aplicações como um rei cortês, que é provido de qualidades respeitáveis, além de cuidar com desvelo dos interesses governamentais.

A partir de Knight e de Bradley, pode-se avaliar o então rei, por uma outra ótica que a atenção da crítica, em sua maioria, firma a partir da perspectiva do príncipe Hamlet, ou seja, atacando a personagem do rei Claudius e não destacando tais características de liderança. Knight apresenta uma interpretação que mostra a personagem do então rei em perfeito estado de espírito, um bom diplomata e rei, não tão preocupado com o ato cometido: o fratricídio. O conflito interno e pessoal – tal como o vivenciado pelo príncipe – levaria o reino ao colapso e ao desmando; apenas um homem que é determinado no plano das ações e que não interna-

liza a culpa por suas ações ou ausência delas está preparado para liderar, tal como ocorre com Claudius.

Foucault, em sua coletânea de textos publicados no livro *Estratégia, Poder-Saber*, apresenta, no capítulo *A governamentalidade*, dedicado a análise da obra *O Príncipe*, de Maquiavel, alguns aspectos a serem identificados na personagem rei Claudius e nota-se após, em alguns dos trechos mencionados mais adiante deste artigo, o soberano que se valia do poder de manipulação para conquistar mais territórios e súditos. No decorrer da análise da personagem rei Claudius, na trama da peça, adotou-se nessa pesquisa, o crítico político Nicolau Maquiavel, cuja obra *O Príncipe* destaca alguns aspectos de manutenção do poder que podem, entre outros, configurar a tática dissimuladora do então rei, em *Hamlet*, como característica maquiavélica de governar.

Nesse âmbito, adotou-se a releitura da peça shakespeariana, realizada pelo romancista estadunidense John Updike, em *Gertrude and Claudius*, como suporte no desenvolver das análises aqui realizadas sobre a personagem do rei Claudius, em *Hamlet*, de Shakespeare. A obra do romancista supracitado torna-se de extrema relevância dentro da crítica aqui desenvolvida, haja vista que o autor realiza análises adotando nomes de personagens dramáticos, no intuito de descrever a história de um possível romance entre Claudius e Gertrudes. Consequentemente, destaca uma possível origem do conflito entre o rei Hamlet e Claudius, o que levou o segundo ao ato de fratricídio.

Diante disso, a relevância dessa pesquisa residiu na possibilidade de, através de releituras, realizar novas interpretações e contribuições acerca da análise das táticas políticas presentes em *Hamlet*, levando em consideração os aspectos que caracterizam a personagem rei Claudius, como: dissimulador, cortesão, dominador da retórica, etc. Além dessas contribuições possíveis, tal estudo buscou avaliar tal personagem dentro da ótica maquiavélica, desviando, na medida do possível, da ética baseada nos ensinamentos cristãos.

## **2. Dissimulações da personagem rei Claudius**

A personagem rei Claudius é posta em cena, em *Hamlet*, em um período do reino dinamarquês em que o seu antecessor, rei Hamlet, destaca sua função através de uma imagem bélica: um rei que marcou sua posição social por meio de conflitos e apropriações das terras em disputa

– caracterizados como práticas diplomáticas rudimentares. A personagem rei Claudius, ao contrário do antecessor, é visto pela crítica shakespeariana<sup>3</sup> como uma figura reinante de cunho político. Centralizado nos bastidores da realeza, sua prática política é mais focada nas relações da época renascentista – a derrubada da concepção de religião inerente à política, predominância da razão sobre os sentimentos e valorização do sentido no prazer. Tais relações são pautadas, principalmente, no classicismo, no antropocentrismo, no racionalismo e no hedonismo, cosmovisão fundamental para repensar a religião, a economia e a política em pleno Renascimento.

Como meio de demonstração de rei habilidoso e estrategista que é a personagem do rei Claudius, William Witherle Lawrence destaca uma provável teoria a respeito da astúcia do então rei ao desconfiar da possível razão da “loucura” do príncipe Hamlet. Lawrence (1919, p. 8, tradução nossa) postula que: “Claudius sabia, antes da cena, que Hamlet foi plenamente informado sobre as circunstâncias do assassinato. Isso aumenta bastante, como veremos a eficácia dramática da cena”.<sup>4</sup>

A compreensão do método dissimulador inicia-se a partir dessa teoria de Lawrence (1919), quer dizer, levando em conta a metáfora utilizada por Maquiavel (agir como o Leão e a Raposa), o príncipe obriga-se a combater os infortúnios do seu reinado, derivados da falta de controle da *fortuna*, com as leis e com a força. Ao conhecer as leis que regem seu reinado, o príncipe deve, portanto, trabalhar a força. Assim, conhecer estratégias para desviar-se das armadilhas e enfrentar seu opositor, sempre na busca pela manutenção da ordem do poder, pois “aquele que engana encontrará sempre quem se deixa enganar” (MAQUIAVEL, 2006, p. 78).

O rei Claudius ouve o súdito Polônio na busca pela descoberta da suposta enfermidade do príncipe Hamlet e convida Rosencrantz e Guildenstern para exercerem a função de espiões reais em relação ao príncipe. Esses momentos, nas intenções do então rei, seriam a busca pela arte de governar – nas palavras de Foucault (2006) –, conforme os mecanismos de contrato. O então rei realiza tais atribuições no intuito de se proteger enquanto detentor da coroa dinamarquesa – fazer banquetes, confe-

<sup>6</sup> George Knight (1967) e A. C. Bradley (2009) pautam características que estabelece a figura da personagem dentro desse aspecto político.

<sup>7</sup> Claudius knew, before the spoken play, that Hamlet was fully informed of the circumstances of the murder. This increases greatly, as we shall see, the dramatic effectiveness of the scene.

rir a função de espiões particulares a Rosencrantz e Guildenstern, outorgar a Polônio o posto de conselheiro real, haja vista o poder de influência dessa personagem. Nas palavras do autor: “a teoria do contrato será, precisamente, aquela com a qual o contrato fundador, o engajamento recíproco dos soberanos e dos súditos será a espécie de matriz teórica [...] princípio geral de uma arte de governar” (FOUCAULT, 2006, p. 297). Esses e outros argumentos aqui nesse texto citado sobre a perspectiva de Foucault, são argumentos a partir de sua análise da obra *O Príncipe*, de Maquiavel.

A relação de cortesão do rei com seus súditos e a proteção com seus territórios configuram uma forte imagem do rei na diplomacia tanto na condução política dentro de seu país quanto no campo internacional. Essa relação objetiva entre rei e súditos cria tal imagem e possíveis interpretações de invencibilidade, como um rei armado e com grandes concentrações de capital, a satisfação dos súditos com o reino em questão, e a solidificação dessa imagem tentará a apresentar o soberano de modo onipotente – e isso gera sempre uma ordem assimétrica nas relações contratuais estabelecidas pelo rei. Nessa perspectiva, Claudius vale-se dos mecanismos de contrato para fingir aos seus súditos que eles participam do poder; entretanto a atuação de Claudius disfarça o estreitamento das relações de obediência desses súditos centradas na imagem do rei sempre presente, interrogador e com ampla capacidade de conhecimento e de articulação de bastidores políticos. Tal atuação é útil para Claudius no sentido de preservar e fortalecer as relações de poder no reino e a posse de território que o seu título real permite; tal atuação é uma forma de vigilância e de ordenação do poder no reinado a fim de que o rei não corra ameaças de perda de mando ou de controle de seus súditos. Em proposições foucaultianas:

Desse princípio e desse corolário, se deduz um imperativo: o objetivo do exercício do poder será, bem entendido, o de manter, reforçar e proteger esse principado, entendido não como o conjunto constituído pelos súditos e território, o principado objetivo, mas como a relação do Príncipe com o que ele possui, ou seja, esse território que ele herdou ou adquiriu, os súditos que lhe estão submetidos. Esse principado como relação do Príncipe com seus súditos e seu território, é isso o que se trata de proteger, e não direta ou fundamentalmente o território e seus habitantes. (FOUCAULT, 2006, p. 285)

### **3. *A leitura sobre a dissimulação de Claudius a partir de Updike***

Segundo a perspectiva do romancista John Updike (2000), a cumplicidade que Claudius, irmão do rei Hamlet, estabeleceu com o conse-

lheiro Polônio fez com que esse conselheiro, no decorrer da trama, traia seu rei (Hamlet). Segundo o romancista, Claudius seduz as bases internas mais próximas da corte do rei Hamlet (a rainha e o seu conselheiro-mor), enquanto esse se encontra tão somente preocupado em disputas externas de territórios. Movido pelo sentimento amoroso pela rainha e pela competição com o irmão, Claudius é informado por Polônio sobre a descoberta de tal romance pelo rei e marido Hamlet e, ajudado pelo conselheiro, decide adotar quaisquer métodos para vencer o irmão, inclusive o fratricídio. Tem-se aqui referência a *Abel e Caim*<sup>5</sup>.

Na perspectiva de Maquiavel (2006), Polônio não cumpriu o papel do súdito fiel, pois pensou mais em si, no seu egoísmo pela vontade de casar sua filha com o príncipe Hamlet. A cumplicidade que o conselheiro possuía em relação à traição da rainha garante uma negociação vantajosa em relação ao enlace Hamlet-Ofélia, obviamente, desde que a castidade da filha se cumprisse às núpcias reais. Contudo é preciso pensar nas falhas do anterior rei Hamlet quanto à ordenação de seu poder – um súdito não nasce fiel, a obediência é fruto de um esforço contínuo e sempre vigilante da relação contratual; a ameaça desse contrato em se desfazer obriga o rei a construir sua imagem de onipotência (e não se descuidar dela).

Updike expõe um dos motivos que impulsionou Claudius a cometer fratricídio. Relata o romancista um possível diálogo entre Claudius e o Rei Hamlet: “vem, irmão, eis meu peito com apenas uma armadura de veludo. Não poderá me ferir mais do que o fizeste quando enfeitiçou e penetrou minha rainha aparentemente virtuosa”<sup>6</sup> (UPDIKE, 2000, p. 146, tradução nossa). Logo em seguida, Updike (2000) relata a possível traição de Polônio ao rei Hamlet, com o intuito de aproximar os laços afetivos de Gertrudes ao maquiavélico Claudius, visando interesses subjetivos não realizados durante seu período de mordomo e conselheiro-mor no reinado do rei Hamlet.

Todo seu romantismo se esvaía no ódio. Agora os ossos da realidade estavam à vista. Gertrudes não lhe era a princesa unguida ou a luz em forma, mas

<sup>8</sup> “Invejoso, ele matou seu irmão Abel” (Gênesis 4,8). Curiosamente é o rei que faz duas referências a Caim. Na primeira, dirigindo-se a Hamlet, ele diz que os pais morrem antes dos filhos desde o primeiro cadáver, que foi justamente Caim. Na segunda, sozinho em cena, ele se refere ao assassinato de um irmão (AMORA, 2006, p. 158).

<sup>9</sup> King Hamlet: Come, brother, here is my breast, armored in velvet merely. You would not wound me worse than when you bewitched and pierced my most virtuous-seeming queen! (UPDIKE, 2000, p. 146).

sim uma conquista que era necessária recuperar, um território que não devia ser perdido [...] Corambis<sup>7</sup>, o velho escudou toda a conversa entre os irmãos e estava ofegante [...] “Diz, por favor.” / “Lá ele dorme, sozinho, sem proteção.” / “E como se tem acesso ao lugar?” / “Uma única escada, tão estreita que dois homens nela não podem passar, desce dos aposentos do rei até uma porta apertada cuja chave só poucos possuem, sendo eu um deles” [...] “Dê-ma”, disse Fengon<sup>8</sup>, estendeu a mão para receber a chave tão raramente utilizada, que Corambis, com dedos nervosos e trêmulos retirou de um chaveiro<sup>9</sup>. (UPDIKE, 2000, p. 157-8) (Tradução nossa)

Quando Claudius torna-se rei da Dinamarca (característica maquiavélica de governo a ser destacada na personagem do rei), Polônio torna-se o segundo homem mais poderoso dentro do castelo de Elsinore, hajam visto as recorrências do rei às tarefas de conselheiro real. Nesse momento, Polônio faz um papel de bajulador motivado também pelo interesse próprio. Convém aqui a oportunidade de mencionarmos um sábio conselho político de Maquiavel:

Mas, para que um príncipe possa conhecer o ministro, existe um método que não falha nunca. Quando vires o ministro pensar mais em si do que em ti e que, em todas as ações, procura seu interesse próprio, podes concluir que esse jamais será um bom ministro e nele nunca poderás confiar. (MAQUIAVEL, 2006, p. 100)

Segundo a releitura updikianiana na citação acima, Polônio foi cúmplice de Claudius no assassinato do rei Hamlet. O nível de traição do súdito ao rei Hamlet é notável, no entanto, ao contrário, iniciava uma forte parceria nas pretensões usurpatórias do rei Claudius. Enquanto Polônio

---

<sup>10</sup> Updike adota em seu romance *Gertrude and Claudius*, dividido em três capítulos, três codinomes ao personagem canônico shakespeariano Polônio: Corambis (capítulo um), referência à lenda antiga de Hamlet, *Historia Danica*, de Saxo Grammaticus; Corambis (capítulo dois), referência à obra *Histoires Tragiques*, de François Belleforest; e Polônio (capítulo três), referência à obra *Hamlet*, de Shakespeare.

<sup>11</sup> O romancista Updike utiliza três codinomes ao personagem do rei Cláudio em seu romance, *Gertrude and Claudius*, dividido em três capítulos. Feng (capítulo um), referência à lenda antiga de Hamlet, *Historia Danica*, de Saxo Grammaticus; Fengon (capítulo dois), referência à obra *Histoires Tragiques*, de François Belleforest; e Claudius (capítulo três), referência à obra *Hamlet*, de Shakespeare.

<sup>12</sup> His romanticism had been boiled away. The bones of things were laid bare. Gertrude no longer loomed as the *princess elointaine* or Form of Light but as a treasure the must seize back, a territory he must not lose [...] Corambis, the old man had heard it all and was terrified [...] “Tell it, for God’s sake”. “There he will sleep, alone, undefended”. “And how is access?”. “A single set of spiral stairs, so tight two man cold not pass, descends from the King’s apartments to a narrow door to which few have the key, I being one” [...] “Give-me”, Fengon said, and held out his hand for the little-used key, which Corambis fussily, tremblingly disengaged from a ring of others (UPDIKE, 2000, p. 157-158).



traía o rei Hamlet, na releitura de Updike (2000), criava-se uma aliança e destacava a personagem Claudius como um estrategista maquiavélico que usurparia o trono dinamarquês. A usurpação de Claudius ao trono do irmão surge do cálculo maquiavélico e da aliança emocional, abençoados pela cumplicidade do conselho do reino e movidos também pela sedução à rainha.

#### 4. *As artimanhas de Claudius com Laertes e com Hamlet*

A dissimulação do então rei é notável quando Laertes mobiliza o povo em defesa da morte do súdito Polônio (seu pai) contra o rei Claudius. O monarca logo utiliza argumentos com características dissimuladoras<sup>10</sup> e, diante das circunstâncias de vingança de Laertes, culpa o então príncipe dinamarquês Hamlet pela morte de Polônio e agrega um aliado ao seu projeto de eliminar o príncipe Hamlet (e a ameaça que o sobrinho representa à sua posição como rei). Diante disso, o rei Claudius utiliza-se do ódio alheio para disseminar, através de Laertes, a imagem de inimigo e podridão no reino da Dinamarca, ou seja, o então príncipe como mal a ser exterminado para que a justiça retorne à corte. A dissimulação persiste mais ainda: Claudius planeja um duelo de honra entre Hamlet e Laertes por pontos, mas tentando a morte “acidental” do príncipe no meio da competição. Dessa forma, ele pode se livrar de um membro da família real bem querido pelo povo e amado pela mãe-rainha sem que ninguém o possa acusar.

No desenvolver da peça, nota-se, depois da peça teatral montada pelo príncipe – a famosa técnica do drama barroco: a peça dentro da peça – os ardis da personagem rei Claudius para eliminar o seu sobrinho, enviando-o à Inglaterra. Sobre o interesse de eliminação do príncipe Hamlet pelo rei Claudius, Harold Bloom (2001, p. 485) diz: “para dar cabo de Claudius não são necessários um espantoso intelecto nem uma consciência das mais sensíveis, e o Príncipe Hamlet sabe, melhor do que nós, que não é talhado para a tarefa que lhe foi atribuída”. Bloom (2001) defende o príncipe Hamlet ao falar sobre a importância do príncipe dinamarquês, ao tempo que o desmoraliza ao tecer elogios sobre o rei Claudius. Mos-

---

<sup>13</sup> King Claudius: Good Laertes/ If you desire to know the certainty/ Of your dear father's death, is't writ in your revenge/ That, swoopstake, you will draw both friend and foe/ Winner and loser?/ Why, now you speak/ Like a good child and a true gentleman/ That I am guiltless of your father's death/ And am most sensible in grief for it/ It shall as level to your judgment pierce/ As day does to your eye (SHAKESPEARE, 1999, p. 105).

tra-se ainda nessa citação que o então rei dinamarquês, apesar de grosseiro, é um rei suficientemente astuto para defender suas tramoias no poder e praticá-las através da sensibilidade do sobrinho.

Além de conseguir aliar-se a Laertes, usando assim o súdito como isca para eliminar o príncipe Hamlet, o então rei Claudius, através de sua expressão de apaziguamento, consegue uma imagem real respeitosa, tal como comenta Mazzarino (1997, p. 33): “com toda a atenção ao redor, naquilo que deve se apresentar de ti em público, porque de uma única ação depende para sempre a tua fama”. Ou seja, o rei Claudius não respondeu ao nível de Laertes (quando confrontado por esse em relação à morte de Polônio) e é interpretado pelas demais personagens da peça shakespeariana como um bom rei, pois se preocupa – de forma dissimulada, sabido que a prioridade no momento eram seus interesses motivados pela permanência na coroa dinamarquesa – com os súditos.

De outro modo, a preocupação diplomática do então rei Claudius com as ameaças do príncipe norueguês deriva de uma inteligência quanto às manobras que devem ser conduzidas com a política externa e que são completamente diferentes das abordagens bélicas do anterior rei. A arte da dissimulação também é um trunfo de Claudius para a condução de uma nova política externa – vencendo inimigos com cartas e comunicações ao mesmo tempo em que equipa sua guarda.

Nesse sentido, o elogio a Claudius é notado nos estudos críticos de Knight, em sua obra *The wheel of fire*, e nos de Bradley, em *A tragédia shakespeariana*. Diferentemente, Heliadora (2004, p. 138), ainda que reconheça as habilidades do rei Claudius, defende essa arte dissimuladora como fruto do mal e do polo antagonista ao príncipe Hamlet, “Cláudio, o rei, é um antagonista impressionante, uma força e uma inteligência que corrompem o mal”. Por oposição, Bradley (2009) defende:

Como rei, é cortês e nunca indigno do trono; desempenha seus deveres cerimoniais com eficiência; e cuida com desvelo dos interesses nacionais. Em nenhum momento mostra covardia e, quando Laertes e a multidão invadem o palácio, enfrenta a perigosa situação de forma serena e hábil. (BRADLEY, 2009, p.123)

E Knight (1967) afirma:

Nós vemos o governo da Dinamarca funcionando regularmente. Cláudio mostra todos os sinais de um excelente diplomata e rei. Ele está preocupado com o jovem Fortinbras e despacha embaixadores para sanar o problema com

o rei norueguês. Que ele impeça a rebeldia do seu sobrinho<sup>11</sup> (Tradução nosa). (KNIGHT, 1967, p. 33)

Ao envolvimento do rei Claudius no fratricídio, Mazarino (1997) apresenta conselhos para que, em ocasiões tais como em *Hamlet*, a melhor oportunidade é realizar o que a personagem rei Claudius realizou, dissimular. Nas palavras do autor: “se te envolvereste em alguma ação detestada por todos, não te exponhas em público à agitação dos desprezos, nem te comportes como se estivesse perto de aprovar o fato” (MAZZARINO, 1997, p. 50).

Após o pressentimento do então rei da ameaça de Hamlet no castelo de Elsinore, defendida por Lawrence (1999), ele preventivamente convoca os súditos Rosencrantz e Guildenstern para vigiar de perto o sobrinho que simula loucura – é preciso repassar parte de sua astúcia dissimuladora a súditos que podem lhe servir como olhos. O rei quer, através do método dissimulador, entender a fonte e a natureza da loucura de Hamlet para se proteger das instabilidades emocionais do príncipe e evitar desequilíbrios e imprevisibilidades na corte, pois isso poderia afetar a ordenação do poder da coroa. Enquanto Knight reconhece em Claudius uma inteligência capaz de promover o equilíbrio do reino, com gestão de políticas concernentes a um hábil rei, tal crítico não poupa o príncipe Hamlet de uma visão que mortifica toda a natureza que o envolve – a tragédia caminha com esse espírito.

A alma de Hamlet está doente. Os sintomas são: horror com o fato da morte e um ódio da vida, um sentido de impureza e o mal nas coisas da natureza; a aversão ao corpo físico do homem; amargura, cinismo, ódio, ele tende à insanidade. Todos estes elementos são insistentes em Hamlet. Ele pode descrever as glórias do céu e da terra, mas para ele essas glórias sumiram. E ele não sabe por que, a doença é mais profunda do que sua perda de Ofélia, mais profunda do que a traição de sua mãe e da morte de seu pai. Esses são, como seu vestido de luto, as "armadilhas e os ternos de aflição". Eles são os símbolos exteriores de que, as "causas" dela, mas a coisa em si é final, além da casualidade<sup>12</sup>. (KNIGHT, 1967, p. 23) (Tradução nossa)

<sup>14</sup> We see the government of Denmark working smoothly. Claudius shows every sign of being an excellent diplomatist and king. He is troubled by young Fortinbras, and dispatches ambassadors to the sick King of Norway demanding that he suppress the raids of his nephew (KNIGHT, 1967, p. 33).

<sup>15</sup> Hamlet's soul is sick. The symptoms are, horror at the fact of death and an equal detestation of life, a sense of uncleanness and evil in the things of nature; a disgust at the physical body of man; bitterness, cynicism, hate. It tends towards insanity. All these elements are insistent in Hamlet. He can describe the glories of heaven and earth but for him those

Mazzarino (1997) postula nas entrelinhas de sua citação abaixo, uma das medidas a ser adotada em circunstâncias de perigo aos interesses do soberano. Segundo o autor em questão: “será sempre bom que, enquanto sentas à mesa, ou à mesinha para escrever, coloques à tua frente um espelho para ver de relance o quanto se faz pelas tuas costas” (MAZZARINO, 1997, p. 48). Para esclarecer o papel significativo às intenções dissimuladoras do rei, os súditos Rosencrantz e Guildenstern assumem a função de espelhos. Tal fato intriga a crítica literária e política shakespeariana, para Knight (1967, p. 41, tradução nossa), como crítico do *corpus* em questão, não seria diferente, “Claudius, cujo crime originalmente o colocou lá, está em um bom estado de saúde e uma vigorosa vida espiritual. Hamlet, e nós também, estamos perplexos.”<sup>13</sup>.

A decisão do rei Claudius em enviar o príncipe Hamlet à Inglaterra deve-se ao fato de eleter conhecimento do sentimento de apreço do povo pelo sobrinho e, dissimulando as ações, essa será a primeira tentativa de eliminar o seu inimigo Hamlet.

Em outra cena de dissimulação anterior, o então rei, através da hipótese da loucura do príncipe, vendo a oportunidade para livrar-se da possibilidade de ser revelado e vingado pelo sobrinho, dá margem à ideia posta por Polônio da verdadeira causa de “loucura” no príncipe com base na carta escrita por Hamlet para Ofélia. Polônio lê a carta escrita pelo príncipe Hamlet a Ofélia e apresenta uma possível causa da loucura do príncipe, o amor não correspondido, lê-se:

Duvida que a estrelas tenham fogo/ Duvida que o sol tenha luz e calor/  
Duvida da verdade como um fogo/ Mas não duvides do meu amor/ Amada  
Ofélia, eu não sou poeta e não tenho arte para traduzir minha dor/ Mas que te  
amo mais que tudo, oh muito mais, acredite sempre nisso/ Serei teu para sempre,  
enquanto lhe pertencer essa máquina, Hamlet<sup>14</sup>. (SHAKESPEARE, 1999,  
p. 44) (Tradução nossa)

---

glories are gone. And he knows not why. The disease is deeper than his loss of Ophelia, deeper than his mother's sexual impurity and his father's death. These are, like his mourning dress, the 'trappings and the suits of woe. They are the outward symbols of it, the 'causes' of it: but the thing itself is ultimate, beyond causality (KNIGHT, 1967, p. 23).

<sup>16</sup> Claudius, whose crime originally placed him there, is in a state of healthy and robust spiritual life. Hamlet, and we too, are perplexed.

<sup>17</sup> **Lord Polonio:** 'Doubt thou the stars are fire/ Doubt that the sun doth move/ Doubt truth to be a liar/ But never doubt I love/ O dear Ophelia, I am ill at these numbers/ I have not art to reckon my groans: but that I love thee best/ O most best, believe it/ Adieu/ Thine evermore most dear lady, whilst this machine is to him, HAMLET.

No decorrer da encenação da peça no reino, o rei Claudius já sabia, como citado anteriormente por Lawrence (1999), do conhecimento do príncipe do seu ato de assassinato e passa a temer sua imagem enquanto reino caso de Hamlet revelar o que poderá acabar com sua vida política. Reiterando a suposta ideia de loucura do príncipe, além da feitoria citada acima, quando decide enviar Hamlet a Inglaterra, o rei Claudius usufrui do ódio alheio e coloca os demais personagens a defender seu interesse, apresentando o príncipe como um inimigo louco.

É inegável que o rei Claudius possuía também a eloquência, grande poder persuasivo em seus argumentos e, conseqüentemente, conseguia maiores níveis de dissimulação. Essa competência é notável quando o rei faz uma menção dissimulada ao ocupar a linha sucessória do reino de forma astuciosa, para o príncipe Hamlet, legítimo na sucessão real dinamarquesa<sup>15</sup>.

No decorrer da peça, sabe-se que o rei Claudius ainda estava se adaptando com a coroa dinamarquesa, sobretudo precisava unir e conhecer seu povo. Para o príncipe Hamlet, era uma “comemoração” ao incesto o ato em que o rei Claudius reúne-se com os súditos para participarem de banquetes. Para o então rei, segundo concepções de Mazzarino (1997, p.48), era apenas estratégias para ganhar o apreço de todos e assim se armar. “Procura ter perto de ti, simulando amizade, aquele que em tua ausência queixas, e contra ti amotinaria sediciosos e agitaria outras pessoas tórbidas. Mantém-no sempre ao teu lado nos prazeres, nas caças, à mesa, nos pensamentos e no teu próprio banquete”. Tais pontos colocados por Mazzarino (1997) tomam mais pulso se postos também ao lado dos argumentos de Casa (1999, p. 22), quando esse diz: “[...], convém fazer do desejo do outro o próprio prazer, quando não se siga dano ou vergonha, e, nisto, sempre agir e falar antes pelo critério alheio do que pelo próprio”.

Bloom (2001, p. 506) destaca a ferocidade daquela época, “mais vida em um tempo sem limites”, às ações do rei Claudius durante seu reinado. Como rei, devia agir de forma cautelosa, planejada e, às vezes maquiavélica, visto que essa última é a que mais caracteriza o rei Claudius através de sua ânsia em obtenção de poder. É nessa razão que reside a maior dissimulação nos vários momentos em que o rei, nas atribuições de sua função, oculta alguns fatos apenas para sua própria proteção no comando da coroa.

---

<sup>18</sup> King Claudius: [...] for let the world take note/You are the most immediate to our throne.

## 5. Considerações finais

Logo na primeira cena de *Hamlet*, é notória uma reforma e reforço na segurança do castelo. Assim que o rei Claudius assume a coroa, nota-se o acréscimo de Bernardo e Marcelo junto a Francisco na guarda do castelo. Existe uma preocupação do então rei de uma possibilidade de invasão – entretanto, embora haja perigo, é preciso fingir prosperidade e equilíbrio para a consolidação da chegada de um novo reinado.

Várias são outras cenas que perfilham o caráter de dissimulado de Claudius. O rei dissimulador no século XVI é, em verdade, um modelo político a traduziros bastidores políticos na ordenação de poderes até a contemporaneidade. A forma com que foi, é e será trabalhado essas habilidades e jogos políticos pela crítica literária, adotando as táticas maquiavélicas para praticá-las, como exemplo da dissimulação, é uma das oportunidades de se discutir o discurso político shakespeariano e a sua aplicação na atualidade.

Não seria audacioso ao se mencionar Claudius como um excelente estrategista criado por Shakespeare, pois manipula e faz boas leituras de todas as personagens dentro da própria peça, reforçando o seu monopólio ao poder. O príncipe Hamlet, pode-se dizer, foi o mais “agraciado” pelo talento do então rei.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, M. L. A. *Maquiavel: a lógica da força*. São Paulo: Moderna, 1993.

BLOOM, Harold. *Shakespeare: a invenção do humano*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

\_\_\_\_\_. *Hamlet: poema ilimitado*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

BRADLEY, A. C. *A Tragédia Shakespeariana*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CASA, Giovanni Della. *Galateo ou Dos Costumes*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Estratégia, Poder-Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FRYE, Northrop. *Sobre Shakespeare*. São Paulo: USP, 2011.

HELIODORA, Barbara. *Reflexões Shakespearianas*. Rio de Janeiro: Lacerda, 2004.

KNIGHT, George Wilson. *The Wheel of Fire*. Cleveland: Meridian Books, 1967.

LAWRENCE, William Witherle. *The Play Scene in "Hamlet"*. Champaign: University of Illinois Press, 1999.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. São Paulo: Escala Educacional, 2006.

MAZZARINO, Cardeal Giulio. *Breviários dos Políticos*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1997.

SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. New York: Max Froumentin, 1999.

UPDIKE, John. *Gertrudes e Cláudio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.